

Inquietação, ao quebrar o jejum

SYLVIO GUEDES
Editor de Cidade

Tenho a idade do jejum brasileiro em eleições presidenciais pelo velho — e, até agora, imbatível — método do voto direto. Um homem, um sufrágio. A maioria vence a minoria respeitando o resultado. Os dois lados conversam, trocam idéias, negociam, mas ninguém quer baionetar o outro. Calouro em democracia, mas não por culpa minha, não tenho pretensões de passar em primeiro lugar neste vestibular das urnas. Afinal, exigir isso do inexperiente eleitor brasileiro é o mesmo que desejar um tiro na mosca de um atirador principiante.

O eleitor, isto sim, conhece bem os problemas brasileiros, pelo menos aqueles que lhe incomodam mais proximamente. É claro que resolver questões como dívida pública, privatização x estatização, rolagem da dívida e outros pratos bem ao paladar dos economistas é importante. Mas o que se discute, fundamentalmente, nestas eleições é o tipo de País que se vai construir a partir de agora.

Há gente que deseja um Estado mais forte, enquanto outros apostam no neo-liberalismo como saída econômica e social. Enxerga-se até um calamitoso duelo entre radicalismo e reacionarismo caso Collor e Lula sejam os finalistas eleitorais. O voto útil, com o imbroglia a metros da chegada, foi para o es-

paço. O eleitorado, queiram ou não, tem perfil diversificado.

Já se passaram 20 anos desde que a imprensa norte-americana promoveu uma importante autocritica, admitindo que o país que povoava suas manchetes e reportagens estava a anos-luz de distância daqueles Estados Unidos que votam, comem, pagam impostos, vão ao cinema e se casam. A supermídia americana, entre eles o **Washington Post** e o **New York Times**, concluiu que o erro básico era dar voz e crédito apenas aos chamados grupos de pressão organizados, como estudantes, minorias, empresários, sindicatos. Faltou ouvir o país real, a gente que se espalha pelas ruas.

Luís Fernando Veríssimo, em uma de suas crônicas, define como impossível ouvir-se um popular. E citava que, nas entrevistas de rua feitas pela TV, o popular não é aquele que está diante do microfone, dando a sua opinião, mas aquele cidadão que escuta, atento, atrás de seu ombro. A imprensa brasileira, ao longo da campanha, andou meio assim, à procura da vontade popular. Se dependesse dos jornais, Jânio Quadros seria o presidente, Ulysses seria o presidente, Antonio Ermírio seria o presidente. nenhum deles foi e, apesar da imprensa, (pelo menos no início), os conservadores encontraram um campeão de audiência: Fernando Collor.

Na esquerda, o multifavorito Leonel Brizola desgastou-se nos

anos de espera, na fila da sucessão truncada pelo autoritarismo, e esteve sempre no mesmo patamar, sem conquistar o País. Lula galopou depois da grande curva, troçou na Lubeca mas está em melhores condições para chegar ao 2º turno. Mário Covas pode ser a surpresa, mas sua única chance seria fazer uma boca de urna melhor do que preparam PT e PDT — o que, convenhamos, é bastante difícil.

Pessoalmente, fico com ele, Mário Covas. Até porque os pontos de convergência são muitos. A minha sociedade não tem favelas, nem dachas. Acredito em três elementos básicos para que a mistura econômico-social brasileira não desande: liberdade, educação e o primado da competência. A primeira se fundamenta na lei, que deve ser escrita e respeitada pelos representantes do povo. A segunda, tão vital quanto as demais, para que este mesmo povo aprenda a discernir o bom do mais ou menos, e o ruim do razoável.

O terceiro preceito garantirá que iguais sejam tratados como iguais, e diferentes como diferentes. A sociedade, balanceada por sentidos de justiça e liberdade, se encarregará de privilegiar os mais competentes, desde que a todos sejam oferecidas oportunidades milimetricamente idênticas. Esta é a minha inquietação. O resto vem com a enxurrada.